

TrumpEconomics

Por: Heitor Carvalho

A prática económica de Donald Trump lançou o mundo num caos de incerteza!

É importante, pelo menos numa primeira análise, começar a perceber a teoria por detrás do caos.

O valor económico sempre foi um reconhecimento social complexo, composto de doses diferentes de escassez, esforço e conhecimento. Na evolução da humanidade, estas três componentes estiveram sempre presentes, mas dominaram sucessivamente pela ordem apresentada. Dependendo as economias dos recursos naturais, começou por dominar a economia agrária e a escassez; depois, na era industrial, a escassez foi suplantada pelo esforço presente (trabalho) ou cristalizado em capital produtivo; hoje estamos a viver a etapa de transição entre o primado do esforço e o primado do conhecimento!

Contudo, continua dominante a ideia de que a produção é uma função do trabalho e capital (embora matizada pela tecnologia – função de produção da teoria clássica, adoptada pelas escolas keynesiana e austríaca) ou que só o trabalho produz valor (embora matizada pela ideia de trabalho complexo – teorias marxistas).

Contudo, continua fortemente enraizada a ideia da criação de valor pelo esforço e, portanto, que a criação de valor reside, por excelência, na produção fabril.

Trump preocupa-se mais com os Iphones que a China produz do que com os Huawei's que ela concebe!

É esta a essência do pensamento de Trump e, com as necessárias adaptações, de Xi e dos seus respectivos partidos, o Partido Republicano (PR) e o Partido Comunista Chinês (PCC).

A China tem consciência de que não está melhor por criar pilhas enormes de cidades fantasma ou de bens que vende quase a preço de custo. Apercebe-se de que, sem melhorar os rendimentos da sua população e o consumo interno, não poderá resolver o seu problema de sobre-produção, mas sabe que isso tornará menos competitivas as suas exportações. Apercebe-se do problema, mas não o percebe devido à essência da teoria económica dominante sobre o valor.

Trump inveja a China e quer trazer a produção de volta aos EUA, tornando-se o exportador do mundo, sem perceber que os EUA já não são competitivos na produção devido ao preço da sua mão-de-obra (e falta de engenheiros de produção, etc).

Para retomar a competitividade internacional Trump:

- quer dificultar as importações a todo o custo, impondo tarifas;
- quer desvalorizar o USD, o que significa prescindir do seu papel como reserva internacional de valor;
- quer uma mão-de-obra barata, e a desvalorização da sua moeda é o caminho mais rápido para o conseguir;
- quer reduzir ou eliminar os “parasitas”, nomeadamente todos os serviços públicos sem excepção, mas também alguns serviços privados, sobretudo os subsidiados ou que não contribuem para um aumento directo da indústria.
- quer matérias-primas baratas, por isso desregulariza as extractivas e avança com propostas abertamente imperialistas de conquista territorial.

A sua única ideia é aumentar a produção extractiva, primária e fabril, onde reside, na sua concepção económica, a essência do valor!

Só que o resultado não será o pretendido:

- Ao impor tarifas pensa (ou tenta fazer os outros pensarem) que está a taxar os estrangeiros; na verdade está a taxar os importadores nacionais, que irão aumentar os preços, está a taxar os consumidores dos EUA.
- Ao prescindir de uma moeda de referência internacional, está a deixar de atrair para os EUA o valor criado pelas economias de todo o mundo; mas para ele isso não conta porque não a entende como uma transferência de valor. Ainda bem para nós todos.
- Ao reduzir o valor do USD, vai empobrecer a sua mão-de-obra, tornando-a mais barata, e reduzir o preço das suas exportações nas outras moedas nacionais, mas nunca vai alcançar o nível dos países pobres, com uma mão-de-obra muito barata; sobretudo se, simultaneamente, reduzir a imigração. Não só não conseguirá competir adequadamente ao nível externo, como baixará o consumo interno, tornando mais difícil às empresas americanas vender no mercado interno. A China está nessa fase e as últimas resoluções do PCC vão exactamente no sentido de aumentar a capacidade de compra dos seus cidadãos, permitindo escoar internamente parte dos excedentes de produção; mas isso irá tornar os produtos chineses mais caros e reduzir a competitividade das suas fábricas. É nessa armadilha que Trump quer lançar os EUA!
- Isso trará como consequência que estas duas potências mundiais acelerem a robotização para se manterem competitivos; mas isso irá enfraquecer ainda mais os rendimentos internos e o mercado interno. Cairão ambos na armadilha de produzir muito para os outros, mas sem criar grande valor.
- Por fim a desregulamentação das extractivas, para lhes baixar o preço, aumentará a sobre-exploração dos recursos da terra e da sua capacidade de resistência climática, colocando em grave risco a sobrevivência económica futura (por falta de recursos) e física da humanidade.

Que futuro temos pela frente a longo prazo?

- Ao contrário desta política de regresso ao passado industrial, quem, no mundo mais desenvolvido, perceber que a criação de valor mudou da produção para a concepção, a tecnologia, a variedade e a diferenciação, entre outras, irá estar melhor preparado para o futuro que consiste, cada vez mais, em coisas imateriais como serviços de apoio à infância e velhice, serviços médicos, atendimento, desempenho, *design*, diferença, etc.
- Para nós, menos desenvolvidos, o futuro está ainda na extracção, na agricultura e na indústria. Se formos inteligentes, aproveitaremos esta fase para sermos os produtores do mundo, dominando as cadeias de produção e comercialização, mas preparando-nos, através da educação e da ciência, para alcançarmos o nível dos mais avançados.
- Estes últimos irão aos poucos robotizar a sua produção, roubando-nos a produtividade, mas garantindo bons rendimentos às suas populações criativas e conhecedoras.

- Se não formos capazes de acompanhar o processo, que demorará ainda muitos anos, criando conhecimento generalizado, cairemos, nessa fase, na mesma armadilha em que Trump quer hoje lançar os EUA: teremos um custo de produção demasiado elevado para competir com a robotização generalizada e, simultaneamente, uma mão-de-obra extremamente dependente dos processos simples de produção.

Consequências imediatas:

- a disrupção das cadeias de abastecimento e da globalização com o encarecimento da generalidade dos produtos nos mercados internacionais, o que afectará as nossas importações;
- mas a redução dos preços das *commodities*, em prejuízo das economias menos desenvolvidas, mas incluindo o petróleo, o que jogará em favor da generalidade dos países, mas não dos produtores de petróleo como nós; de qualquer forma poderá agir como factor de desinflação dos preços nos mercados internacionais;
- um aumento das reservas bancárias e das taxas de juro em todos os mercados, tornando o crédito difícil e mais caro, o que é especialmente penalizante para nós;
- mas um custo menor das dívidas dos países denominadas em USD, o que, contudo, não deverá beneficiar os produtores de *commodities* que verão as suas moedas desvalorizar-se face ao USD
- uma retracção generalizada do investimento.

Estes efeitos são todos exacerbados pela forma abrupta e desorganizada como as políticas foram implementadas e pela manutenção da incerteza, criando um forte choque à economia e elevando a probabilidade de uma recessão generalizada.

No que nos diz respeito é especialmente penalizante porque afecta os rendimentos do petróleo, a capacidade de contratar nova dívida e o aumento do seu custo, o preço das importações e a atracção de investimento: atinge-nos em todos os pontos da nossa vulnerabilidade.

Nestas circunstâncias, consideramos fundamental prepararmo-nos para tempos difíceis, limitando os gastos pessoais e das empresas e revendo urgentemente o OGE 25!

Luanda, 21 de Abril de 2025